

O PROFESSOR LEITOR E AS IMPLICAÇÕES DESTA PRÁTICA NO ENSINO-APRENDIZAGEM ESCOLAR

Aline Casagrande Rosso Cardoso¹;
Aristides Jaime Yandelela Cambuta²;
Marina Vieira Cardoso³;

RESUMO: Este estudo pretende discorrer sobre a leitura enquanto processo cognitivo a ser apreendido, especialmente pelo profissional mediador do conhecimento, o professor. Afirma-se que a leitura é um ato a ser incentivado e ensinado, uma vez que é importante que os alunos consigam compreender o sentido do código escrito, e, assim, alcançar o aprendizado com suficiência. Para tanto, para que se formem alunos fluentes em leitura, é necessário que antes o professor seja um bom leitor, domine o conhecimento sobre o processamento cognitivo da leitura – que envolve, entre outros elementos, a evocação de memórias (conhecimento prévio adquirido) - e saiba ensinar as devidas estratégias de compreensão textual. É relevante também valorizar o já mencionado conhecimento previamente sistematizado do aluno, como forma de estimulá-lo na leitura e inseri-lo neste processo interativo. Utilizam-se as teorias de Kleiman (2011; 2013a; 2013b), Kato (1999), Smith (2003), Leffa (1996), entre outros estudiosos do tema *leitura*, como forma de esclarecer melhor o assunto estudado. Os resultados desta pesquisa bibliográfica apontam que o papel da escola como formadora e o esforço do professor em se desvincular das amarras tradicionais, proporcionando uma leitura estratégica para o aluno, são fundamentais para que se tenham indivíduos pensantes e ativos em sala de aula.

160

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Leitor estratégico; Formação de professores.

THE READER TEACHER AND THE IMPLICATIONS OF THIS PRACTICE IN THE TEACHING-LEARNING AT SCHOOL

ABSTRACT: This study aims at discussing about reading as cognitive process to be learned, especially by the professional mediator of knowledge, the teacher. It is said that reading is an act to be encouraged and taught, since it is important that students can understand the meaning of the written code, and this way achieve learning with sufficiency. Therefore, in order to form students fluent at reading process, it is necessary that before the teacher can be a good reader, master knowledge about the cognitive processing of reading - which involves, among other things, memories evocation (acquired prior knowledge) - know and teach the proper reading comprehension strategies. It is also important to enhance the already mentioned previously systematized

¹ Mestre em Educação – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Bolsista do projeto “Ler & Educar: formação continuada de professores da rede pública de SC” (OBEDUC/CAPES). E-mail: prof.alinerosso@gmail.com

² Mestre em Educação – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Bolsista do projeto “Ler & Educar: formação continuada de professores da rede pública de SC” (OBEDUC/CAPES). E-mail: aristidesjaimey@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Bolsista do projeto “Ler & Educar: formação continuada de professores da rede pública de SC” (OBEDUC/CAPES). E-mail: marina.vieiracardoso@hotmail.com

knowledge of the student as a way to stimulate it at reading and insert it in this interactive process. The used theories involve Kleiman (2011; 2013a; 2013b), Kato (1999), Smith (2003), Leffa (1996), among other scholars reading authors, in order to clarify the matter studied. The results of this research indicate that the role of schools as people former and the teacher's effort to dissociate itself from traditional bonds, providing a strategic reading to students, are essential to have thinking individuals and active students in the classroom.

KEYWORDS: Reading; Strategic reader; Teachers formation.

INTRODUÇÃO

A prática da leitura nas escolas, em partes, tem desconsiderado o sentido original da leitura, pois os alunos estão na maioria das vezes tornando-se pseudoleitores. As práticas pedagógicas voltadas à concepção tradicional e autoritária de ensino não contribui significativamente para que os alunos se tornem leitores proficientes e que apresentam alguma crítica sobre o conteúdo de um texto. Neste sentido, as pesquisas apontam que muitas são as reclamações providas de professores que atuam no ensino atualmente, no que concerne às práticas de leitura dos seus alunos. As queixas vão ao sentido de que os alunos, em âmbito geral, leem pouco, ou muitas vezes não costumam ler. Kleiman (2013a) assinala, da mesma forma, a frequência com o que a autora é abordada com esta mesma pergunta, feita por professores em palestras as quais ela participa. Ou seja, é uma questão que está presente no discurso educacional, e que parece não ter sido ainda resolvida ou desvendada pelos professores.

Kleiman (*op.cit*) refere-se sobre este assunto quando fala que algumas práticas de professores com relação à abordagem de um texto pautada na decodificação, são equivocadas. Ela descreve que a cobrança do texto baseada apenas em seus aspectos estruturais e gramaticais, ou ainda, deter o texto somente como um repositório de informações dando margem ao que o aluno achou do texto, sem requerer um posicionamento a favor ou contra o que o autor relatou, e, tomar nota de um texto apenas para avaliar a leitura em voz alta do indivíduo, se trata de práticas que contribuem para uma leitura automatizada, que dispensa a contribuição efetiva e a experiência do aluno. Ou seja, a interação entre sujeito e objeto nestas condições é totalmente superficial, o que dificulta a formação de um leitor proficiente.

Nesta perspectiva, para a formação de leitores autônomos e proficientes, segundo Kleiman (2013b), é indispensável que a leitura seja submergida em elementos relevantes

como o significado do texto como um todo e a construção de sentido a partir das experiências do leitor. Sendo assim, a compreensão é o resultado mais importante no processo da interação de conhecimentos entre sujeito e objeto.

O que dificilmente se observa é se o professor, antes mesmo do aluno, é um bom leitor. Para Versiani, Yunes e Carvalho (2012), é importante que se faça a pergunta “Eu, que quero tanto formar leitores, sou um bom leitor?” (VERSIANI; YUNES; CARVALHO, 2012, p. 41). Ainda para as autoras, muitos profissionais sabem que a leitura é importante e necessária, entretanto é questionável se eles dão o exemplo aos seus alunos. Em suma, o professor só consegue ser um bom mediador de leitura se ele mesmo é conhecedor desta prática (VERSIANI; YUNES; CARVALHO, 2012). Ou seja, antes que se dê o contato direto entre aluno e texto, o papel do professor é fundamental para que a leitura seja realizada com êxito. Ele é o mediador nesse processo, que fará com que o aluno se aproprie adequadamente das informações necessárias. Para tanto, fará um diagnóstico dos conhecimentos prévios destes, questionando e introduzindo sobre o tema.

Neste sentido, Souza (2012) salienta que “se não sabemos ler, não podemos ensinar leitura” (SOUZA, 2012, p. 83). Em outras palavras, assim como pontuaram as autoras supracitadas, a prática de leitura por parte do educador é essencial para que os alunos também adquiram tal competência e alcancem conhecimentos acerca dos temas propostos em sala de aula.

Mas, o que é leitura? Que aspectos ela envolve? Como ela é processada? É importante que se discuta previamente o conceito de leitura, para que, posteriormente, consiga-se entender a importância desta prática e do seu ensino no âmbito escolar.

LEITURA: UM PROCESSO SIMPLES?

A leitura é uma atividade cognitiva que perpassa, sem exclusão, todas as áreas do conhecimento (conforme COSTA, 2009). Contrariando o que salienta o senso comum, este não é um ato que se relaciona apenas à Língua Portuguesa e ao professor desta disciplina curricular. Em outras palavras, quando se pensa no conceito de *leitura*, é preciso que se desmistifiquem ideias equivocadas como a acima mencionada, mas que se tenha em pensamento que é um processo cognitivo que beneficia todas as disciplinas do currículo escolar, e, por isso, deve ser trabalhada por todos os professores.

Esta é uma tarefa primária em sala de aula, que deveria se tornar uma prática diária na vida dos alunos, bem como fazer com que ele seja um leitor proficiente. Mas essa tarefa não é simples, pois a leitura envolve processos cognitivos e metacognitivos, o que a torna uma prática densa. Para Kleiman (2011), a leitura é uma atividade complexa que engloba processamentos de informações em que estão contidos os aspectos de percepção, atenção e memória. Ao processar as informações, o sujeito precisa utilizar seu conhecimento linguístico e de mundo.

Bamberger (1986) também pontua que a leitura é uma forma de aprendizagem que contribui para o desenvolvimento do intelecto, pois exige um esforço cognitivo do cérebro em analisar aspectos estruturais da linguagem, interpretar e confrontar criticamente as ideias que o texto e o autor apresentam. Ou seja, é um processo de interação entre sujeito e objeto.

O processo de interação é crucial para que haja produção de sentido e compreensão do que se lê. Isto quer dizer que essa relação não é baseada apenas numa mera recepção de conteúdos, mas sim em produção de sentido a partir do que o indivíduo já possui de conhecimento. Kleiman (2013b) aborda este assunto quando salienta que a ação do leitor está pautada em construir e não apenas receber um significado abrangente para o texto. Ela conclui dizendo que o leitor “procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões” (KLEIMAN, 2013b, p. 71).

A leitura, partindo destes pressupostos, envolve aspectos pertinentes a um relacionamento de cooperação entre quem emite um pensamento e quem se apropria ou não dele, visto que, ainda para Kleiman (2013b), o autor do texto que não obtém um *feedback* do leitor sobre sua compreensão; muitas vezes procura escrever de forma mais clara possível para se fazer entender e atingir seu objetivo de fazer valer sua ideia.

Deste modo, durante a leitura o leitor busca satisfazer expectativas, pois ele procura atingir um objetivo. Neste caso, todo leitor deve estar aberto a novos pensamentos que podem aprimorar seu conhecimento. Portanto, ler é um processo complexo, como podemos observar nos estudos feitos por Foucambert (2008), ao afirmar que:

“a leitura é necessariamente essa atividade estreitamente ligada à totalidade do indivíduo, ao que ele é, ao que ele vive e a seu projeto atual. Ler é ter escolhido procurar alguma coisa; dissociada dessa intenção, a leitura não existe. Já que ler é encontrar a informação que escolhemos, a leitura é por natureza flexível, multiforme,

sempre adaptada à pesquisa. [...] é aprender a adaptar nossa busca ao nosso projeto (FOUCAMBERT, 2008, p. 64).

Ler, neste caso, é mais do que codificar e decodificar informações, é estabelecer um vínculo estreito com o conhecimento, produzir sentido e rudimentos a partir de elementos como a atenção, a percepção e, fundamentalmente, a memória.

A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO PRÉVIO

Um dos aspectos imprescindíveis para a leitura é o conhecimento prévio, pois sem este, a compreensão do texto não é possível. O conhecimento prévio consiste naquilo que o leitor já sabe, ou seja, todas as experiências anteriores vivenciadas e todo o conhecimento de mundo que ele detém. Neste ínterim, Kleiman (2013b) evidencia que o leitor utiliza na leitura aquilo que ele já sabe e que é mediante a interação entre o sujeito e objeto que se constrói o sentido do texto. Portanto, caso o professor apresente um texto ao aluno e este não possua algum conhecimento prévio sobre o assunto abordado, não haverá compreensão.

Nesse sentido, o diagnóstico acerca do conhecimento do aluno, o que ele sabe ou não sabe sobre determinado tema e a explanação sobre o assunto, deve ser feito antes do aluno prosseguir sozinho com a leitura. Assim sendo, o professor tem papel exclusivo nesta mediação, entre texto e leitor. O conhecimento tem caráter intrínseco para a educação, ele é a razão de ingressarmos no universo escolar. Visto que o ser humano necessita se apropriar dos elementos e eventos que o cerca para estabelecer relações com o mundo, se faz necessário mais do que adquirir informações. Ou seja, a transformação do indivíduo por meio do conhecimento aprimorado é essencial.

Na medida em que o sujeito interage com o meio, ele vai se modificando e compreendendo as relações a sua volta. Antes de tudo, será estimulado em todas as suas habilidades motoras, cognitivas e afetivas na Educação Infantil, e logo, nas Séries Iniciais, será alfabetizado, aprendendo a ler e a escrever. Eis aqui uma aprendizagem relevante e que precisa de muita atenção por parte dos profissionais da educação.

Todo indivíduo tem experiência de vida, uma percepção de mundo, inclusive a criança. Ela não é uma tábua rasa em que se depositam conteúdos, mas possui algum conhecimento prévio sobre diversos assuntos, ou não, dependerá dos elementos e condições os quais foi exposta. Para isso, dá-se o nome de conhecimento prévio.

Segundo Leffa (1996), para compreender um texto devemos relacionar os dados fragmentados do texto com a visão que já construímos do mundo. Todo texto pressupõe essa visão do mundo e deixa lacunas a serem preenchidas pelo leitor. Sem o preenchimento dessas lacunas a compreensão não é possível e o aprendizado não é consolidado.

Outra expressão que equivale a de conhecimento prévio é o termo linguagem não visual utilizada por Smith (2003) em seu livro, no qual faz uma análise psicolinguística sobre a compreensão da leitura e do aprendizado desta. O autor supracitado menciona que as informações não visuais, ou seja, toda a compreensão do mundo fica armazenada no cérebro, a saber, na memória, e quando o leitor se depara com um texto repleto de informações visuais (texto escrito), ele aciona as informações alocadas na memória para conectá-las as novas informações, e nesse esforço o leitor tenta construir sentido a partir do que lê (SMITH, 2003).

A leitura, portanto, configura-se, como já colocado neste trabalho, como um processo alheio ao que é simples, visto que demanda exercícios mentais e evocações de memórias – sistematizadas nas informações visuais, ou conhecimento prévio. É importante que o professor, enquanto formador de pessoas, entenda de tal complexidade e trate do tema com significativo cuidado, de modo a proporcionar em seus alunos conhecimentos sedimentados por meio de estratégias cognitivas e metacognitivas, assunto do próximo tópico.

165

O PROFESSOR LEITOR E ESTRATÉGICO

A leitura é uma habilidade que deve ser ensinada (SOUZA, 2012), entretanto, para a aquisição de uma leitura proficiente é necessário muito esforço por parte daquele que lê, e, neste caso é o aluno que está em processo de aprendizagem, bem como muita determinação e competência daquele que a ensina, o professor. A partir do que se expõe, o educador precisa ensinar o aluno a tornar sua leitura mais eficiente através do ensino de estratégias metacognitivas, as quais dizem respeito ao domínio do que se está fazendo, de maneira que o indivíduo consegue ir e vir com liberdade no texto, produzindo sentido em sua leitura. Neste sentido, Smith (2003) salienta que:

Os pesquisadores, com uma orientação para as “habilidades” estão, novamente, inclinados a considerar os processos metacognitivos como um outro conjunto

especial de habilidades, que devem ser aprendidas. Por outro lado, as crianças aprendem muitas coisas, incluindo falar e muito da alfabetização, sem a consciência de estarem aprendendo. E em geral estamos conscientes de que não compreendemos algo (no sentido de estarmos confusos), ou quando não sabemos algo em um momento em que o conhecimento é pessoalmente relevante e importante para nós (SMITH, 2003, p. 39).

O anteriormente exposto alude à pertinência dos aspectos referentes à metacognição na atividade de leitura, visto que permitem ao sujeito leitor um monitoramento do pensamento, que dá suporte a uma aprendizagem mais efetiva. Portanto, o professor precisa realizar com os alunos atividades que auxiliem no domínio das estratégias de leitura. Entretanto, segundo Kleiman (2011), deve-se ensinar “não apenas um conjunto de estratégias, mas criar uma atitude que faz da leitura a procura da coerência” (p. 152). Ainda para a autora,

[...] ensinar a ler com compreensão não implica em impor uma leitura única, a do professor o especialista, como a leitura do texto. Ensinar a ler, é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar à criança que quanto mais ela previr o conteúdo, maior será sua compreensão; é ensinar a criança a se auto-avaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio (KLEIMAN, 2011, p. 151).

166

Partindo do pressuposto de que o professor não pode ensinar o que não sabe, tem-se a premissa de que este precisa ser leitor (SOUZA, 2012) e dominar estratégias de leitura. Conforme Kleiman (2013a, p. 74) “são operações regulares para abordar o texto”, que consistem em como o leitor manipula-o, ou seja, se sublinha falas importantes, se faz anotações, se relê quando não alcança a compreensão e, ainda, como faz para atingir seus objetivos, se faz questionamentos, se reflete sobre o que lê, se faz um resumo, ou, se apenas lê passando os olhos rapidamente.

Segundo Kato (1999), é preciso fazer algumas considerações pedagógicas acerca desse assunto. Ela salienta que o professor – este de todas as áreas do conhecimento, de acordo com a discussão realizada anteriormente, defendida também por Costa (2009) - deve proporcionar ao aluno estímulo e motivação para que desenvolva tais estratégias, sendo que, uma forma de fazê-las é oferecer leituras orientadas com objetivos específicos que necessite com que o aluno compreenda, e não somente isso, mas também reconheça as falhas de leitura que lhe impossibilitem de atingir seus objetivos. Este é apenas um, dos muitos exemplos que existem para auxiliar o aluno a tornar-se leitor fluente, de modo que, a partir disto, pressupomos que a tarefa do professor é muito árdua no que concerne

a ensinar uma leitura estratégica e proficiente, bem como, se o professor não reconhecer tais práticas e habilidades, tão pouco fará esse trabalho em sala de aula com eficácia.

Maya (2000) é quem vai falar sobre a difícil tarefa de ser professor, colocando que “as mudanças são pedidas aos professores, a quem se exige uma qualidade e um profissionalismo cada vez maiores para responderem com sucesso a um conjunto tão diferenciado de tarefas, sem que para tal tenha havido uma preparação prévia [...]” (MAYA, 2000, p. 39). Neste caso, para ensinar leitura, o docente além de ser leitor fluente, de diversos tipos de textos que circundam as mais diversas esferas sociais, precisa reconhecer as estratégias, pois só assim poderá ser mediador desta difícil atividade, sem contar a persistência em tornar o seu aluno um bom leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A base bibliográfica utilizada no presente artigo apresenta argumentos de que é necessário formar alunos leitores partindo de um professor também leitor. Este profissional é alguém que muitas vezes não corresponde às exigências da leitura, ou seja, que não se apropria dos processos necessários para o ensino desta habilidade. Logo, entendemos que docentes e discentes precisam construir um novo olhar a respeito da leitura, que desde há muito vem sendo concebida de maneira trivial.

Nesse sentido, a escola precisa proporcionar discussões que perpassem por este tema, rompendo paradigmas e acrescentando concepções psicolinguísticas que colaboram com a prática pedagógica do professor quando se trata de formar leitores autônomos e proficientes. Ou seja, uma concepção que não vai apenas tratar com o aluno, mas principalmente com o educador, que antes de todos, deve ser consciente dos processos que envolvem a leitura (percepção, atenção, memória, entre outros), para posteriormente ensiná-los.

No entanto, o esboço acerca do complexo processo que a leitura demanda faz refletir que esta habilidade requer muita diligência de quem a pratica, uma vez que o cérebro trabalha com afinco para processar informações novas e ajustá-las às que já existem, para então formar novos conceitos, aprimorando o conhecimento. Ainda, a compreensão da leitura para além da codificação e decodificação de palavras é essencial para transcender o aspecto proverbial desta e ponderar sua característica transformadora,

de não somente transmitir e reproduzir a informação, mas muito pelo contrário, de transformar e produzir sentido e conhecimento.

Ademais, fica evidente que a atividade que o professor desempenhará para compreender o ato de ler não será fácil, mas oportunizará o desenvolvimento e o aprimoramento de todas as estratégias leitoras para que este se torne experiente em leitura, e, mais que isso, comece com eficiência e presteza a grande tarefa de formar leitores habilidosos e proficientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. SP: Ática, 1986.
- COSTA, Marta Morais da. **Sempre viva, a leitura**. Curitiba: Aymar, 2009.
- KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 15ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2013a.
- _____, Angela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 15ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2013b.
- _____, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.
- MAYA, Maria José. **A autoridade do professor**. Lisboa: Texto Editora, 2000.
- SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.
- SOUZA, Ana Cláudia de. **A produção de sentidos e o leitor: os caminhos da memória**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.
- VERSIANI, Daniela Beccacia; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.